

CULTURA DIGITAL, LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA, TRABALHO COLETIVO E ENSINO: A PROPÓSITO DE PROCESSO FORMATIVO ENVOLVENDO A ARTICULAÇÃO ENTRE POSSIBILIDADES ADVINDAS DE DISCIPLINAS ESCOLARES E AÇÕES DA GESTÃO EDUCACIONAL

Humberto Perinelli Neto¹
Solange Vera Nunes Lima D'água²

Resumo: Este texto apresenta processo formativo vivenciado na licenciatura em Pedagogia da UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto e voltado para a valorização da cultura digital e do trabalho coletivo no âmbito escolar, por meio da produção de curtas metragens no ensino de história e de geografia e a reflexão desta experiência no âmbito da gestão educacional, considerando-se, para tanto, a oportunidade gerada pela vivência de estágio curricular supervisionado e as discussões promovidas em torno da temática gestão educacional e tecnologias.

Palavras-Chave: cultura digital; linguagem cinematográfica; trabalho coletivo; processos formativos.

DIGITAL CULTURE, LANGUAGE FILM, COLLECTIVE WORK AND EDUCATION: A FORMATION PROCESS PURPOSE INVOLVING INTERACTION BETWEEN SCHOOL SUBJECTS ARISING OUT OF POSSIBILITIES AND MANAGEMENT OF EDUCATIONAL ACTIONS

Abstract: This paper presents formation process experienced in the degree in Pedagogy of UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto and returned to the enhancement of digital culture and collective work in schools, through the production of short films in the teaching of history and geography and the reflection of this experience in the field of educational management, considering, therefore, the opportunity created by the experience of supervised traineeship and discussions held around the theme educational management and technologies.

Keywords: digital culture; cinematic language; collective work; formative processes.

¹ Doutor em História. Professor Assistente Doutor do Departamento de Educação do IBILCE/UNESP/São José do Rio Preto. E-mail: humberto@ibilce.unesp.br.

² Doutora em Educação e Currículo: Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação do IBILCE/UNESP/São José do Rio Preto. E-mail: soldagua@ibilce.unesp.br.

Introdução

É fato que a revolução da prensa gráfica fez com que a Europa – e, na sequência, as demais áreas globais - vivenciasse fortes transformações na relação existente entre conhecimento, sociabilidades e tecnologias, tendo em vista que as novas mídias permitiram a constituição de discursos homogeneizadores, bem como foram alvo de apropriações de indivíduos, grupos e comunidades queconstruíram novas relações interpessoais na Contemporaneidade.³

Inserido neste quadro, o advento das tecnologias e suas interfaces com a educação gerou o desenvolvimento de práticas educativas que tomam como base diferentes linguagens e as maneiras pelas quais elas se instituem e se expressam numa sociedade saturada de imagens e constituída, especialmente, por uma cultura digital, fortemente apoiada novisual e no audiovisual.⁴

Incorporadas em processos formativos bem sedimentados, pautados pela valorização dos saberes docentes⁵, da autonomia docente⁶, bem como da articulação entre suportes discursivosvariados⁷, podem estas tecnologias e linguagens resultar em práticas educativas dotadas de liberdade, significação e criticidade.

³ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

⁴ KENSKI, Vani Moreira. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org.). *Didática: o ensino e suas relações*. Campinas, Papirus, 2007; BÉVORT, Evelyne & BELLONI, Maria L. *Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas*. *Educação & Sociedade*, Campinas (CEDES), v. 30, n. 1, p. 1081-1102, 2009; COLL, Cesar & MONEREO, Carles. (org.). *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010; PRETTO, Nelson de Luca. (org.). *Tecnologia e novas Educações*. Salvador: Edufba, 2005; ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. *Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais*. *Currículo sem Fronteiras*, Porto Alegre, v. 12, 2012, p. 57-82; FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

⁵ TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002

⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011; FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011; FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

⁷ GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

Cientes deste contexto é que promovemos entre os licenciandos em Pedagogia da UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto a vivência de processo formativo envolvendo o emprego da cultura digital em ambientes escolares. Tal processo formativo foi desenvolvido pelos autores deste texto, a partir das disciplinas: “Organização e Gestão Escolar do Ensino Fundamental Anos Iniciais”, “Estágio Curricular Supervisionado de Organização e Gestão do Ensino Fundamental Anos Iniciais”, “Conteúdos e Métodos do Ensino de Geografia” e “Conteúdos e Métodos do Ensino de História”.

Além do reconhecimento das potencialidades envolvendo tecnologias e educação, a experiência em questão se pautou pela convicção de que o processo de formação inicial de professores e de gestores dos espaços escolares para a Educação Básica requer do grupo de professores envolvidos com tal formação a construção de trabalhos coletivos, em que aspectos teóricos, legais e práticos possam ser complementados, possibilitando assim ao licenciado a vivência de sólida graduação e o reconhecimento destas práticas como sendo relevantes para seu futuro profissional como docente/gestor.

Diante dessa dupla perspectiva – valorização da cultura digital e do trabalho coletivo - é que foi pensado o desenvolvimento de projeto envolvendo a produção de curtas metragens no ensino de história e de geografia e a reflexão desta experiência no âmbito da gestão educacional, considerando-se, para tanto, a oportunidade gerada pela vivência de estágio curricular supervisionado e as discussões promovidas em torno da temática gestão educacional e tecnologias.

Cinema, História, Geografia e Ensino

É notório e crescente o interesse em debater cinema e educação/cinema e escola/novas tecnologias e educação por intelectuais de verve pedagógica⁸. Neste contexto, identifica-se um conjunto de estudiosos cujo objetivo tem sido o de pensar as apropriações e usos do cinema ou das TIC em situações de aprendizagem envolvendo o ensino de História⁹ e o ensino de Geografia¹⁰.

O reconhecimento das potencialidades do diálogo entre cinema, história, geografia e ensino é que motivou a elaboração de projeto

⁸ FISCHER, Rosa Maria B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p.93-102, jan./abr. 2009; DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009; NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2011; SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

⁹ BUARQUE, Virginia. (org.). *Curtas em Mariana e Ouro Preto: identidades através do ensino de história*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2010; SIMONINI, Gizelda & NUNES, Silma. A formação de futuros docentes para o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental nos cursos de licenciatura em pedagogia e normal superior In: ZAMBONI, Ernesta & FONSECA, Selva (orgs.). *Espaços de formação do professor de história*. Campinas: Papyrus, 2008, p.163-184; ARAÚJO FILHO, Waldemir de. *Cinema e ensino de História na perspectiva de professores de História*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado – Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica; VESENTINI, C. A. *História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes*. In BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010, p.163-175; CURY, Claudia Engler. Linguagens contemporâneas no ensino e na pesquisa: história oral, fotografia e produção de documentário. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.235-246.

¹⁰ PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Núria (org.). A linguagem cinematográfica no ensino de geografia. In: _____. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2009, p.259-288; RICARTE, Daniel de Brito; CARVALHO, Ana Beatriz Gonçalves. As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectiva do ensino de Geografia. In: SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. (orgs.). *Tecnologias digitais na educação*. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p.259-273; RODRIGUES, Rejane Cristina de Araújo; SANTANA, Fabio Tadeu de Macedo; ERTHAL, Leopoldo Carriello. *Aprendendo com Filmes - O cinema como recurso didático para o ensino de geografia*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2012; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslau. Machado de. *Geografias de cinema - outras aproximações entre as imagens e sons dos filmes e os conteúdos geográficos*. In: 6º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6ª. edição, Goiânia. Anais do 6º Congresso Brasileiro de Geógrafos. São Paulo: AGB, 2004, p. 1-22; FERRAZ, Claudio B. O. *Linguagens Geográficas: cinema e literatura no diálogo com o discurso científico da Geografia*. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 6ª. ed., Uberlândia. Anais do VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia. Uberlândia: Cidade Futura, 2007, p. 07-20; DONATO, Larissa; LIMA, Maria. G. O uso de tecnologias no ensino de geografia: recursos áudio-visuais. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16ª edição, Porto Alegre. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. São Paulo: AGB, 2010, p. 01-06.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

envolvendo a produção de curtas metragens.¹¹ O enfoque destes vídeos envolveu aspectos do município paulista de São José do Rio Preto, segundo a observância de eixos temáticos: “Ícones arquitetônicos”, “Logradouros públicos”, “Inovações tecnológicas”, “Condições e marcos ambientais”, “Sociabilidades rurais” e “Grupos étnicos e de imigrantes”. Isto permitiu refletir por meio/a partir de e não sobre o ou do local, fugindo assim da estética localista e da concepção de círculos concêntricos.¹²

A opção pela elaboração de curtas metragens implicou no reconhecimento de que produções deste tipo alcançam, no máximo, 20 minutos e se aproximam muito do estilo de documentários.¹³ Sendo assim, o curta concilia os planos de expressão e de conteúdo e seu custo é baixo, especialmente após o advento dos recursos tecnológicos digitais.¹⁴ O emprego pedagógico dos curtas metragens é ainda facilitado pelo fato destes vídeos serem realizados segundo um roteiro em aberto e a ampla participação dos membros do grupo.¹⁵

¹¹ PERINELLI NETO, Humberto. Tempo, espaço e cinema: uma proposta de prática de ensino de história e geografia. In: GRANVILLE, Maria Antônia. (org). *Currículos, sistemas de avaliação e práticas educativas: da escola básica à universidade*. Campinas: Papirus, 2011, p.119-134.

¹² CALLAI, Helena. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n.66, p. 227-247, maio/ago. 2005; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica In: MONTEIRO, Ana Maria et al. (orgs). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Maud X/FAPERJ, 2004, p. 187-198; CARLOS, Ana. F. Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo. Hucitec, 1996; FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história*. Campinas: Papirus, 2009; CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al. *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

¹³ BAYÃO, Luiz Gustavo. *Escrevendo curtas: uma introdução à linguagem cinematográfica do curta-metragem*. Niterói: Nitpress, 2002.

¹⁴ MOLETTA, Alex. *Criação de curta metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo*. São Paulo: Summus, 2009; WAINER, Júlio. *Idéia, imagens e sons: caminhos para a estruturação de um documentário*. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado – Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PUC/SP; GERBASE, Carlos. *Cinema: primeiro filme – descobrindo, fazendo, pensando*. São Paulo: Artes e Ofícios, 2012.

¹⁵ CARRIÈRE, Jean-Claude; BONITZER, Pascal. *Prática do roteiro cinematográfico*. São Paulo: JSN Editora, 1996; SOARES, Sérgio. J. Puccini. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção*. Campinas: IA/Unicamp, 2007; CAMPOS, Flávio de. *Roteiro de cinema e televisão – a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

A proposta de produção destas curtas metragens considerou oportunidades associadas ao campo do audiovisual. A primeira envolve um reconhecido e popularizado desejo de “filmar o real”, fortemente presente na atualidade.¹⁶ Outras dizem respeito a popularização de máquinas fotográficas digitais e de aparelhos celulares munidos de câmeras de filmagem¹⁷, bem como a divulgação e o acesso aos programas gratuitos de edição¹⁸. Além disso, conta-se com a presença nas escolas de salas para exibição de vídeos, televisores, lousas digitais e aparelhos data-shows, conforme pesquisa realizada na rede pública municipal de São José do Rio Preto.¹⁹

Além da popularização da tecnologia digital, a opção pela produção de curtas metragens incitou a promoção de diálogo com alguns movimentos cinematográficos que, ao longo do século XX, se pautaram por uma estética fora dos padrões comerciais hollywoodianos, portanto, por uma redefinição do sentido de cinema, segundo a observância de características e pressupostos que favorecem a apropriação desta linguagem pelos pesquisadores e docentes envolvidos com o campo da educação, a saber: *Nouvelle Vague*, Cinema Novo, Dogma 95 e Documentários brasileiros recentes.

Os diretores reunidos em torno do movimento *Nouvelle Vague* contrariaram, a contar da década de 1950, a produção industrial do cinema e, por conta disso, defenderam a realização de filmes pautados na valorização do cotidiano, das percepções psicológicas dos personagens, do

¹⁶ MESQUITA, Cláudia & LINS, Consuelo. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008; MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

¹⁷ DE LUCA, Luiz Gonzaga Assis. *A hora do cinema digital: democratização e globalização do audiovisual*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

¹⁸ VARGAS, A; ROCHA, H. V; FREIRE, F. M. P. Promídia: produção de vídeos digitais no contexto Educacional. *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (CINTED), v. 5, n.º. 2, s/n.º., dez./2007.

¹⁹ PERINELLI NETO, Humberto. *RELATÓRIO FINAL - Educação e tecnologias: estudo do emprego da linguagem cinematográfica no Ensino Fundamental I (1º a 5º anos) da rede municipal de ensino de São José do Rio Preto (SP)*. São Paulo: PROPe/UNESP, 2014.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

diálogo com a cultura popular, da concepção de filme como aparato e da valorização de filmagens externas.²⁰

Seguindo lógica que guarda certas semelhanças com a *Nouvelle Vague*, os diretores do Cinema Novo brasileiro apostaram igualmente a contar a década de 1950 na realização de filmes “com mais realidade, mais conteúdo e menos custo”²¹, por meio do emprego de alegorias, linguagem despojada, retratamento do povo e discussão do subdesenvolvimento²².

A partir de 1995, diretores dinamarqueses como Lars Von Trier e Thomas Vinterberg criaram o “Dogma 95”, escola que defende um cinema:

[...] mais humano, mais natural e criativo, buscando a qualidade do filme não no aparato técnico e em grandes orçamentos, e sim na essência da relação da câmera com a história e seus personagens.²³

Do mesmo modo, os documentários brasileiros produzidos em meados da década de 1990 (caso de “Santo Forte”, “Noticias de uma guerra particular” e “Nós que aqui estamos por vós esperamos”) se tornaram reconhecidos por aquilo que “o diretor realizou em computador doméstico, sem grandes recursos”, adotando opções como “sincronismo entre imagem e som, ausência de narração over, de trilha sonora, de imagens de cobertura”, expressando, assim, um “esforço e uma postura extremamente ativa, que pensa, repensa e discute o que está sendo produzido”²⁴.

²⁰ MARIE, Michel. A Nouvelle Vague. *Significação - Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, v. 30, n. 19, p. 167-180, 2003.

²¹ MOLETTA, Alex. *Criação de curta metragem em vídeo digital...* Op. Cit.

²² BERNARDET, Jean-Claude. *Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; SIMONARD, Pedro. *A geração do cinema novo: para uma antropologia do cinema*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

²³ MOLETTA, Alex. *Criação de curta metragem em vídeo digital...* Op. Cit., p.12.

²⁴ MESQUITA, Cláudia & LINS, Consuelo. *Filmar o real...* Op. Cit., p.14-19.

Produzindo curtas metragens e novas visões de mundo

A produção dos curtas metragens no ensino de história e de geografia não se atrelou a um fim pragmático. Explica-se por este motivo o desenvolvimento desta pesquisa envolver também a preocupação com a captação da experiência vivida pelos graduandos de Pedagogia, daí lançar mão do expediente de promover, entre outras coisas, o emprego de questionários²⁵ e de registros formulados por observações²⁶, ao longo da produção destes vídeos, conforme metodologia qualitativa, mais precisamente, a dos estudos de caso²⁷, segundo perspectiva etnográfica²⁸.

Levando-se em consideração os objetivos deste artigo, nos valem apenas das informações registradas nos questionários “de entrada” e “de saída”, respondidos por 178 graduandos em Pedagogia, matriculados no 3º período do curso. Buscou-se com a interpretação das respostas apresentadas no “questionário de entrada” o entendimento da formação escolar dos graduandos em relação aos saberes históricos e geográficos, o contato que tiveram anteriormente com certas tecnologias e a cultura cinematográfica que possuíam. Já em relação ao “questionário de saída”, pretendeu-se compreender o impacto que a experiência de produzir um curta metragem causou na maneira dos graduandos entenderem o significado dos saberes escolares histórico e geográfico, bem como do próprio cinema e das suas possibilidades enquanto ferramenta para a prática docente.

Com o intuito de refletir sobre a formação escolar dos graduandos em Pedagogia é que inicialmente lhes foi perguntado no Questionário 1: “O que é geografia?”. A maioria esmagadora dos alunos mencionou se tratar de

²⁵ SZYMANSKI, Heloisa. (org). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Líber livro, 2004.

²⁶ VIANNA, Heraldo Maecelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. *A pesquisa no cotidiano escolar*. In: FAZENDA, I. C. A. *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1989, p.36-45.

²⁷ MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber livro, 2005. YIN, Robert. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

²⁸ ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papius, 2012.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

saber escolar vinculado ao estudo de aspectos físicos da realidade (clima, relevo, solo), o ambiente (a relação do homem com os aspectos físicos), a cartografia (localização, mapas) e a memorização de cidades e de capitais. Diante disso, a produção dos curtas metragens foi antecedida por discussões sobre as principais concepções geográficas formuladas nos séculos XIX e XX -naturalismo, determinismo, possibilismo, pragmática e crítica - e as influências que estabeleceram com o saber escolar.²⁹

Para entendimento da experiência em torno do saber geográfico escolar vivenciado é que também lhes foi perguntado: “Via de regra, qual foi a experiência que viveu no ensino de geografia durante a escola?”. A maioria absoluta respondeu que o professor havia se atido ao uso do livro didático e de mapas (que deveriam ser pintados ou cujas informações expressas deveriam ser memorizadas). Predicados como “monótono”, “chato”, “fora da nossa realidade” se repetiram nas respostas. Chama atenção o fato de que a geografia apreendida na Educação Básica não esteve vinculada às observações do bairro, das paisagens rurais, da construção de maquetes e mapas, entre outros expedientes³⁰.

Seguindo o mesmo objetivo é que perguntamos aos alunos: “O que é história?”. Os termos mais recorrentes nas respostas foram: “linha do tempo”, “fatos”, “acontecimentos”, “civilização”, “estudo do passado”, entre outros, que traduzem uma compreensão da história enquanto narrativa associada à construção da identidade nacional, elitista, essencialmente

²⁹ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 2009; MOREIRA, Ruy. *O que é geografia?* São Paulo: Brasiliense, 1981; LACOSTE, Yves. *A Geografia – Isso serve*, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 2012.

³⁰ STRAFORINI, Rafael. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004; CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Papirus, 2007; ALMEIDA, Rosângela Doin (org.). *Cartografia escolar*. São Paulo: Contexto, 2007.

política e fragmentada.³¹ Sendo assim, tal como no caso do ensino de geografia, coube, ante de tudo, pensar na produção historiográfica registrada nos séculos XIX e XX - com ênfase na Escola Metódica, nos Annales, no Marxismo e na Micro-história - e a relação que possuem ou não com o saber escolar.³²

Buscando ainda compreender a formação escolar dos graduandos é que lhes foi ainda perguntado: “Via de regra, qual foi a experiência que viveu no ensino de história durante a escola?”. A maioria apontou para um ensino baseado, majoritariamente, no emprego do livro didático, de apostilas e de textos escritos na lousa. Eles eram utilizados em aulas expositivas, cujo conteúdo era apresentado e não discutido, restando responder questões que seriam alvo de avaliação futura, após a leitura e/ou cópia do texto. Daí, o fato deste ensino ser definido como algo “monótono”, “chato”, “fora da nossa realidade”, entre outras expressões deste tipo. Série de recomendações envolvendo o ensino de história, caso da história local, novas linguagens e estudos do meio parece não ter sido levada em conta.³³

Paralelo a preocupação com o entendimento da formação escolar dos alunos em relação aos saberes escolares históricos e geográficos, nos ocupamos da compreensão do contato que tiveram anteriormente com certas tecnologias. Em função desta preocupação, foram promovidas as seguintes perguntas: “Você já utilizou os recursos do *Windows MovieMaker*?”, “Você já manuseou máquina filmográfica?”, “De algum modo já produziu algum tipo de filmagem?” e “Já participou de algum curso de edição de imagem e som, cinema, vídeo ou algo deste tipo? Se a resposta for positiva, qual?”.

³¹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005; PINSKY, Jaime et al. *O Ensino de História e a Criação do Fato*. São Paulo: Contexto, 1992.

³² BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929/1989) – a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1997; VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história - os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002; HOBSBAWN, Eric John. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

³³ MONTEIRO, Ana. Maria (org.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2004; BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História...* Op. Cit.; FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história...* Op. Cit.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

Mensuramos e analisamos as respostas. Cerca de 34% dos alunos já conheciam o *Windows MovieMaker*; em torno de 65% disseram ter utilizado filmadoras (em situações “caseiras”); praticamente 85% já haviam produzido algum tipo de filme (“caseiros”); e apenas uma aluna havia participado de curso envolvendo filmagem. Registrava-se, portanto, que a tecnologia necessária na elaboração dos curtas metragens não era desconhecida pelos alunos, mas seria necessário aprofundar as experiências registradas e refletir o seu uso em projetos envolvendo o campo da educação.

A verificação desses dados motivou a organização de algumas ações. Foi oferecido curso de extensão relacionado ao Cinema e Educação e que visava possibilitar conhecimento introdutório da gramática constituinte da linguagem cinematográfica (roteiro, edição de imagem, edição de som, fotografia, planos cinematográficos, manuseio de câmeras, História do cinema, entre outros). Registra-se ainda a promoção de reuniões para que fossem discutidas as ações desenvolvidas pelos grupos na produção dos curtas, caso do roteiro, seleção de material, filmagens, edição e montagem.

No término de cada semestre letivo houve apresentação em sala dos curtas metragens. Nesta ocasião, os licenciandos responderam 11 perguntas do “questionário de saída”, dentre as quais: “Após participar da produção do curta metragem, houve algum tipo de mudança na maneira de enxergar o cinema?”; “O que é geografia para você?”; “O que é história para você?”. Pretendia-se com este expediente, refletir se houve alguma alteração na concepção dos licenciandos sem relação ao ensino de história e de geografia, bem como na relação entre cinema e educação, após a elaboração dos curtas metragens.

No que se refere à questão “Após participar da produção do curta metragem, houve algum tipo de mudança na maneira de enxergar o cinema?”, nota-se nas respostas duas posições. Primeiramente, o cinema

passou a ser tratado com mais profundidade, porque entendidos elementos de sua linguagem, daí os alunos registrarem expressões como “não vi mais filmes do mesmo jeito”. Além disso, houve reconhecimento da necessidade de se empregar o cinema na educação com planejamento, tendo em vista que a experiência dos curtas metragens exigiu empenho, trabalho em equipe e somatória de saberes articulados coletivamente. Os dois casos permitem afirmar que os licenciandos vivenciaram alfabetização cinematográfica, segundo as preocupações próprias do campo da educação.

Tratando-se da concepção nutrida pelos graduandos em relação ao ensino de história e de geografia, verificou-se modificação sensível no entendimento destes saberes escolares. O significado da geografia passou a ser associado, em geral, ao “estudo da realidade que nos cerca” e ao “estudo das ações humanas e do espaço”. Já a história foi vinculada “ao nosso dia-dia”, “a diferentes ritmos temporais” e a “diversos aspectos da nossa vida”. De modo geral, nota-se que esses saberes escolares foram vinculados ao local e ao cotidiano, entendimento fundamental para construção de práticas educativas que possam ser consideradas autônomas, críticas e dotadas de significação.

Cultura e Gestão Escolar

A escola, espaço da construção do conhecimento por excelência, tem passado por inúmeros desafios, dentre esses, um dos aspectos que mais têm chamado atenção é a descontextualização e a desarticulação entre a teoria e a prática. A análise dos dados envolvendo os questionários aplicados junto aos graduandos do curso de Pedagogia nas disciplinas “Conteúdo e Metodologias do Ensino de História” e “Conteúdo e Metodologias do Ensino de Geografia”, permite inferirmos o quanto a escola, na tarefa de promover processos de formação, tem passado ao largo da realidade e como as práticas nela constituídas não são validadas para as experiências significativas dos alunos.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

Uma das hipóteses discutidas nos processos formativos de professores e que tem sido alvo de estudo nas reflexões feitas em sala de aula, por ocasião das disciplinas “Organização e Gestão Escolar do Ensino Fundamental Anos Iniciais” e “Estágio Curricular Supervisionado de Gestão”, envolve a cultura instalada na escola, já que acaba por provocar distanciamento entre os que pensam educação e os que a executam.

Os saberes e as relações estabelecidas na instituição escolar representam interesses e têm identidade própria, podendo, portanto, construir caminhos para a democracia, a autonomia e a participação ou, ao contrário, podem objetivar caminhos opostos. Tal como indica Michel Apple:

A educação está profundamente implicada na política cultural. O currículo nunca é simplesmente uma montagem neutra de conhecimentos, que de alguma forma aparece nos livros e nas salas de aula de um país. Sempre parte de uma *tradição seletiva*, da seleção feita por alguém, da visão que algum grupo tem do que seja o conhecimento legítimo. Ele é produzido pelos conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam um povo.³⁴

Segundo Gomes³⁵ a cultura vivenciada e experimentada na escola não é um conjunto de regras determinadas e precisas, mas um conglomerado de representações da vida da comunidade, que vai se modificando em consequência direta daqueles que exercem influência. Tais condutas, em muitos casos, incitam a ostentação de ações individualistas, que comprometem a construção de trabalho compartilhado.

A partir da Resolução n.º 01/2006³⁶ que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura, houve necessidade de reorganização curricular nos programas

³⁴ APPLE, Michel. *Política Cultural e Educação*. Trad. Maria José Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2000, p.53.

³⁵ PÉREZ GÓMEZ, Ángel. *La cultura escolar en la sociedad neoliberal*. Madri: Ediciones Morata, 1998.

³⁶ *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura*. Brasília, 2006.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

já existentes, passando a atuar na formação do educador, tanto para ministrar aulas nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Educação Básica, como preparar esses futuros profissionais para assumirem os cargos de Gestão das unidades escolares. Como explicitado no artigo abaixo:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;³⁷

Vale ainda salientar que a Constituição Federal de 1988³⁸ e a LDB n.º9394/96³⁹ ressaltam a importância dos conceitos de Gestão e recomendam que os sistemas de Ensino trabalhem na perspectiva da gestão democrática do ensino público, buscando a participação dos profissionais da educação nos documentos construídos na escola, bem como a constituição de conselhos e colegiados, onde profissionais da escola, pais comunidade possam estar presentes e atuantes nos espaços escolares (art.14).

Esses indicativos expressam não só a necessidade de trabalho coletivo, em que cada sujeito possa colaborar para a construção de projeto que represente anseios, necessidades e desafios impostos pela realidade, como também implica na constituição de processos formativos que possam qualificar os futuros profissionais para o exercício da gestão escolar. Como afirma Heloisa Lück:

³⁷ Idem.

³⁸ BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2000.

³⁹ BRASIL. *Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – Lei de nº 9394/96. Brasília: Senado Federal, 1996. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº. 01 de 15 de maio de 2006.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

Ressalta-se que a gestão educacional, em caráter amplo e abrangente do sistema de ensino, e a gestão escolar, referente à escola, constituem-se em área estrutural de ação na determinação da dinâmica e da qualidade de ensino. Isto porque é pela gestão que se estabelece a unidade, direcionamento, ímpeto, consistência e coerência à ação educacional, a partir do paradigma, ideário e estratégias adotadas para tanto.⁴⁰

Nesse sentido, aos estarmos com alunos do curso de Pedagogia, futuros profissionais dos sistemas de ensino, é imprescindível fomentar discussões teóricas que abarquem essas temáticas, buscando pela legitimidade de trabalho sério, discutindo, para tanto, quais seriam os aspectos necessários na construção de projetos educacionais e de gestão que envolvam realidades diferentes, a partir da expressão das especificidades e características singulares de cada unidade escolar, empregando para esse fim pesquisas diagnósticas. Ratificando a importância dessas inferências, Heloisa Luck ainda esclarece:

A gestão emerge para superar, dentre outros aspectos, carência: a) de orientação e de liderança clara e competente, exercida a partir de princípios educacionais democráticos e participativos; b) de referencial teórico-metodológico avançado para a organização e orientação do trabalho em educação; c) de uma perspectiva de superação efetiva das dificuldades cotidianas pela adoção de mecanismos e métodos estratégicos globalizadores para a superação de seus problemas.⁴¹

Contudo, apesar dos esforços, observa-se que em muitos espaços escolares ainda são recorrentes posturas relacionadas ao conceito de administração escolar, modelo em que o diretor da instituição detém todo o 'poder', manifestando comportamentos autoritários, além de centralizar decisões as quais deveriam necessariamente ser participada pelo grupo.

⁴⁰ LUCK, Heloisa. *Concepções e processos democráticos de gestão educacional*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 17.

⁴¹ Idem, p.23-24.

O lugar do Estágio e o emprego das Tecnologias

A vivência da disciplina relacionada ao Estágio de Gestão se torna delicada quando nos deparamos com o momento no qual os alunos do curso de Pedagogia iniciam suas observações nas unidades escolares, tendo como foco a compreensão do trabalho da equipe gestora, pois, via de regra, tem se deparado com práticas em que ainda predominam aspectos ‘arcaicos’ da antiga administração escolar.

Essa situação tem se tornado recorrente em muitas unidades escolares e nos remete a reflexão de como alinhar aspectos teóricos da disciplina “Organização e Gestão Escolar do Ensino Fundamental Anos Iniciais” e aspectos práticos vivenciados no campo do “Estágio Curricular Supervisionado”. Isto porque, na vivência desses momentos, os licenciandos passam a ter contato com as diferentes realidades, incluso aí, estereótipos que refletem certas relações construídas, portanto, que anunciam ou denunciam certas posturas.

Partindo dessas constatações é que se entendeu a necessidade de prospectar trabalhos interdisciplinares entre os conteúdos relacionados as disciplinas “Gestão/Estágios Curriculares Supervisionados”; “Conteúdos e Métodos do Ensino de Geografia” e “Conteúdos e Métodos do Ensino de História”, envolvendo a construção dos curtas metragens, tal iniciativa nos pareceu uma atividade bastante relevante e oportuna para discutir no curso de Pedagogia o papel da gestão e o emprego das tecnologias e suas diferentes linguagens nos processos formativos de professores e gestores.

Promovido este diálogo, constitui-se experiência capaz de desenvolver reflexões responsáveis por coadunar nos graduandos conhecimentos teóricos sobre o que é história, o que é geografia, descoberta e utilização das tecnologias, construção de experimentos que exigem a prática de trabalhos coletivos e a promoção de ambiente colaborativo, por meio do planejamento de ações coordenadas, que ensejam efetiva presença do grupo, prática tão almejada no trabalho do gestor, como sugere Medeiros e Lóes:

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

O que pode garantir que a escola compreenda e adote uma postura de apoio à exploração das mídias, em última instância é a disposição do gestor escolar. Ele precisa perceber as implicações dessa prática, disponibilizando recursos e espaços para sua concretização.⁴²

Nesse sentido, o papel da equipe gestora passa a ser determinante para o sucesso da empreitada envolvendo a produção e utilização dos curtas metragens e de qualquer outra tecnologia ou linguagem, já que colabora na mobilização de esforços para que o espaço seja adequado à viabilização dos projetos, garante a disponibilidade de tecnologia (aparelho de televisão, DVD, máquina fotográfica, etc.) e ainda incentiva o desenvolvimento da educação a partir de outras práticas, que não sejam as tradicionais, comprometendo-se a sustentar tais ações e, ao mesmo tempo, mobilizar os demais membros do grupo para participação e compreensão da natureza do trabalho proposto.

É preciso considerar que “[...]O ensino mediado pelas tecnologias digitais redimensiona os papéis de todos os envolvidos no processo educacional”⁴³, incorporando também a cultura digital. A discussão do papel do gestor traz à tona a importância da participação de inúmeros atores da comunidade escolar, enfatizando que o trabalho só terá consistência e credibilidade, por meio da reflexão sobre a realidade.

A vivência das experiências envolvendo a gestão escolar, seja nas discussões em sala de aula, bem como nas atividades associadas ao estágio, oportunizam aos alunos refletirem sobre as relações estabelecidas na escola e, a partir daí, pensarem na realização de projetos vinculados as tecnologias

⁴² MEDEIROS, Leila Lopes; LOES, Francesca Vilardo. A formação dos gestores escolares em EAD e a gestão de mídias na escola. In SHOLZE, Lia; ALMEIDA, Jose Fernando. ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (orgs.). *Escola de Gestores da Educação Básica: relato de uma experiência*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, p.165.

⁴³ KENSKI, Vani M. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2012, p. 93.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

e linguagens, com mais propriedade, reconhecendo, em loco e a priori, limites e possibilidades para implantá-los.

No caso do projeto envolvendo os curtas metragens, por exemplo, tal vivência permite aos alunos constatar a cultura filmográfica existente nas unidades escolares, as práticas de ensino de História e de Geografia levadas a cabo nestes espaços e as possibilidades criadas pelos gestores para implantação de práticas de ensino desta natureza (equipamentos, espaço físico, entre outros).

Por meio da convivência na instituição escolar, tais questões tornam-se visíveis aos graduandos em Pedagogia que se dirigem à unidade escolar para a realização de Estágios na área da Gestão Escolar, apesar de muitas vezes serem recebidos com desatenção e pouco caso por parte dos profissionais da escola, chegando, em certos casos, a serem impedidos de terem acesso aos ‘pequenos feudos’, tamanha a quantidade de impeditivos de toda ordem criada para que se cansem e desistam de tal empreitada.

A ocorrência deste tipo de comportamento é duplamente desrespeitosa. O Art. 82 da LDB n.º9394/96 determina que os Sistemas de Ensino estabelecerão as normas para a realização de estágio dos alunos regularmente matriculados no Ensino Médio ou Superior em sua jurisdição. Além disso, o aluno leva para o campo de estágio um plano de trabalho que orienta tais atividades e que foi antecipadamente discutido no espaço universitário, refletindo as teorias que sustentam as práticas de gestão.

Esse tipo de atitude e conduta por parte dos profissionais que lideram a escola acaba, infelizmente, fazendo com que as discussões e vivências promovidas no espaço acadêmico perca parte de sua legitimidade, aí inclusas práticas e concepções pedagógicas inovadoras associadas as tecnologias e linguagens, caso da experiência envolvendo a elaboração dos curtas metragens associados ao ensino de História e ao ensino de Geografia, já mencionadas.

Diante desse contexto, a contradição entre saberes e fazeres se estabelece e os aspectos teóricos caem por terra, em detrimento às posturas

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

profissionais que constituem o cenário educacional. Heloisa Luck reflete essa ambiguidade, ao afirmar que:

É possível afirmar que, tendo em vista o momento de transição entre esses dois enfoques, a escola se defronta muitas vezes, ainda, com um sistema contraditório em que as forças de tutela ainda se fazem presentes, ao mesmo tempo em que os espaços de abertura são criados, e a escola é instigada a assumir ações para as quais ainda não desenvolveu a competência necessária. Portanto, a escola e seus dirigentes se defrontam com a necessidade de desenvolver novos conhecimentos, habilidades e atitudes para o que não dispõem mais de modelos e sim de concepções.⁴⁴

Deste modo, a arena de estágio é um campo de informação e formação, as experiências vivenciadas nesse espaço passam a fazer parte de um repertório que deverá ser levado em conta nos momentos de problematização ocorridos na universidade, buscando compreender a realidade existente e, ao mesmo tempo, vislumbrando as possibilidades de encaminhamento de mudanças e de melhorias.

Caso esse processo não seja discutido e articulado em sala de aula, a formação de professores e gestores tende a se distanciar das efetivas necessidades do contexto educacional, acabando por formar um imenso hiato entre o que é discutido na universidade e o que de fato é real no espaço escolar, fazendo com que os estudantes se desencantem da profissão antes mesmo de exercê-la. Como salienta Garrido:

Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar, aprender e elaborar, executar e avaliar projetos de ensino, não apenas nas salas de aula, mas também na escola e demais espaços educativos que as envolvem e determinam. Assim o *lócus* do estágio se entende para além do espaço escolar e da sala de aula, configurando uma possibilidade de *leitura do mundo*, conforme Paulo Freire. Nessa perspectiva, o estágio tem sentido de

⁴⁴ LUCK, Heloisa. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. *Em Aberto*, Brasília, v. 17, n. 72, p. 14-16, fev./jun. 2000.

complementação, trazendo elementos de compreensão da totalidade social que respinga na atividade docente e no cotidiano da sala de aula. Nesse caso, além do desempenho na sala de aula, o futuro profissional da educação vivencia a construção de uma visão mais ampla de atuação na escola, na organização do ensino, na comunidade e na sociedade.⁴⁵

Foi o reconhecimento desse quadro que provocou o encontro e a necessidade da promoção de discussões entre as diferentes disciplinas e a proposição de trabalhos que indiquem nexos significativos e relevantes para o campo das práticas e dos estágios, subsidiados pelas teorias, sugerindo a constituição de um novo paradigma educacional.

As concepções da gestão escolar mudam radicalmente a orientação e a compreensão do que seja o trabalho de diretor de escola (no sentido da administração clássica). Propor metodologias inovadoras, como é o caso do uso de curtas metragens para processos de ensino e aprendizagem de conteúdos de História e de Geografia, precedem ações pautadas no trabalho colaborativo, no exercício da autonomia, tanto para a re/criação, como para o uso das tecnologias e linguagens disponíveis na escola.

Tal empreendimento sugere, portanto modelos de gestão que se pautem em processos democráticos e participativos, vivenciados segundo o envolvimento de todos. Para tanto, cabe contar com o comprometimento da gestão escolar na efetivação do trabalho de mediação entre os diferentes grupos e as metodologias inovadoras, instigando a cultura digital, de forma que tais atividades possam agregar valores ao trabalho educativo.

Considerações Finais

Reconhecer e discutir possibilidades de emprego de tecnologias e linguagens no ambiente escolar, segundo ações coletivas, é facilitado quando a abordagem promovida junto aos professores em formação inicial alinha fundamentos teóricos ao trabalho da e na prática. Partindo daí é que a

⁴⁵PIMENTA, Selva G. & LIMA, Maria Socorro L. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2010, p.163-164.

Cultura digital, linguagem cinematográfica, trabalho coletivo e ensino: a propósito de processo formativo envolvendo a articulação entre possibilidades advindas de disciplinas escolares e ações da gestão educacional

| Humberto Perinelli Neto

| Solange Vera Nunes Lima D'Água

experiência apresentada neste texto foi realizada, considerando-se algumas questões: presença de metodologias inovadoras relacionadas ao ensino de História e de Geografia; necessidade do reconhecimento da cultura digital em ambientes escolares; e valorização de processos de gestão escolar democráticos.

No que se refere as metodologias inovadoras desenvolvidas no ensino de História e de Geografia, tratou-se de refletir sobre a necessidade da vivência de processos formativos que garantam uma efetiva apropriação das tecnologias e linguagens pelo docente e não o mero emprego pragmático destas em ambientes escolares, pois assim foi proporcionada discussão mais ampla, envolvendo o desenvolvimento de práticas de ensino efetivamente autônomas, críticas e responsáveis por aprendizagens significativas, já que capazes de provocar reflexões sobre o sentido do cinema e das próprias disciplinas em questão.

Neste contexto, para que as tecnologias e linguagens se efetivem verdadeiramente na escola, buscou-se enfatizar a compreensão de que a escola é viva e dinâmica, sendo fundamental para isso o reconhecimento de que as pessoas constituintes da equipe gestora são essenciais para a construção de planejamentos, rotinas e projetos, capazes de transformá-la num espaço de conhecimento, crescimento e acolhimento humano.

Reconhecer a existência de equívocos por parte de determinados grupos/escolas, levando em consideração seu processo formativo, suas características singulares, mas, concomitantemente, indicar ações libertadoras por excelência, caso do projeto dos curtas metragens, pode proporcionar ao futuro professor/gestor o reconhecimento de que a educação envolve processo realizado essencialmente pelos humanos em interação, pelo diálogo, considerando o momento histórico, político, social e cultural de cada sujeito.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

Assim, entendemos que mesmo não encontrando todas as respostas na realidade, inauguramos um momento mais profícuo no processo de aprendizagem, já que os licenciandos são convidados a estudar mais profundamente as causas de tais acontecimentos e buscar, por meio de reflexões individuais e coletivas, comparações e pesquisas, respostas que representem a realidade e sustentem novas hipóteses, que poderão ser testadas na realidade, especialmente quando antecipa-se discussões em sala de aula.

O trabalho coletivo realizado na universidade tem nos indicado que é possível a construção de novos caminhos na formação inicial docente, oportunizando aos licenciandos experiências e debates que ratifiquem possibilidades reais de mudanças qualitativas na educação, uma vez entendida a importância da partilha de práticas, a vivência de modelos reais, a promoção de trabalhos colaborativos e o emprego de tecnologias e linguagens associadas a cultura digital.

Faz-se, portanto, indispensável que as diferentes disciplinas de cursos de licenciaturas se identifiquem e se reconheçam complementares, de forma que a sua configuração seja amalgamada e explicita em seu desenvolvimento o quanto essa ação é inerente ao processo de educar, quando o objeto da busca é a construção de práticas que sejam, de fato, significativas e que possam contribuir à formação dos sujeitos.

Recebido em 31.07.2015
Aprovado em 14.09.2015